Um Diplomata Brasileiro

BRUNO CHAVES (*)

Na Roma contemporanea coexistem tres mundos: a Roma antiga, o Vaticano e o Quirinal; o passado, a religião e a politica.

São tres mundos com as caracteristicas das expressões geographicas, com os seus limites, a sua população, as suas producções, os seus affluentes e confluentes.

A' Roma antiga pertencem os servidores da tradição e do pensamento, aquelles que sobre as ruinas edificam reflexões depois de basear estudos, aos sabios, aos archeologos, aos historiadores, aos numismatas, aos escriptores, aos homens cultos, cujos talentos se prendem no fio da antiguidade classica, fonte de modelos e jorro de exemplos.

Ao Vaticano cabe a soberania espiritual de milhões de creaturas circumscriptas por um mesmo Deus. E' o mundo do Homem Branco, dos purpurados, dos ecclesiasticos de toda a categoria, dos padres de todas as nações, das igrejas de todas as raças, o desaguadouro das crenças, das esperanças, dos ideaes de immensa parte do universo.

No Quirinal está o poder politico, o centro da solida teia das aranhas administrativas; o accumulador da

---

(*) O Dr. Bruno Chaves é um dos Socios Honorarios do Instituto do Ceará.

ruidosa força latina de uma nação meridional, isto é, trepidante.

Alli mora o Rei; habita a Côrte; fabrica-se a diplomacia; tecem-se as combinações; urdem-se os planos destinados a manter o paiz no Congresso das nações, jungindo-o á Triplice ou namorando as parentas latinas.

Da manhã á noite, esses tres mundos—Roma antiga, Vaticano e Quirinal—agitam-se, vivem e lutam, cada qual a seu modo, representando fragmentariamente a existencia no palco das vias publicas.

Na Roma antiga, através do Fôro em ruinas, no alto do Capitolio, sob os arcos de triumpho superstites á grandeza romana, qual especie de ironia eterna e arredondada, em toda a parte onde ha escombros sobre hera e heras sobre escombros, movem-se os homens de sciencia ou de simples gosto. Uns buscando arrancar ás entranhas da terra, nas excavações, os segredos de outr'ora; outros passeiando saudades de velhas leituras, entre columnas espatifadas, capitéis roidos, tumulos sem mortos, palacios esboroados, que a chuva lava e o vento varre.

O Vaticano já é cousa diversa. Posto no flanco de S. Pedro, suga, através da massa indigena ou forasteira de Roma, outros elementos de vida e de duração. Quartel-general da christandade desarmada, attrahe, não só o prelado, como o viajante, offerecendo a este a visão dos seculos pela porta aberta dos tesouros artisticos.

Do Vaticano ou para elle se dirigem os innumeros ecclesiasticos dos dous sexos que atravessam as ruas de Roma, vestindo-as de pittoresco com os seus trajes religiosos, alguns inolvidaveis, como os dos seminaristas, os recrutas do exercito da Igreja.

Os seminaristas hespanhóes usam a batina preta, com cintura azul; os escossezes, trazem-n'a roxa, com cinta preta e manto da mesma côr; os francezes e os inglezes só envergam batina, sem distinctivo; os belgas a têm preta, com salpicos encarnados; os polacos

preta, com cinta verde; os norte-americanos, gastam batina preta com cinta rubra e debrum azul; os sul-americanos a vestem com cinta e debrum azues.

Seria um nunca acabar descrever esses trajes, dignos de uma cidade, onde ha tantos pintores e tantas palhetas. Mas entre esses trajes o dos seminaristas allemães e hungaros se fixa para sempre na memoria visual: é uma batina vermelha, vistosa, inconfundivel, enroupando a luz e o sangue.

O povo chama os seminaristas vermelhos de *gamberi*, as lagostas, e elles proprios, entre si, ou com outros collegas, não desdenham o epitheto.

Ao Quirinal se encaminha outra especie de gente. O viajante penetra nesse mundo por simples curiosidade, amparado por alguma apresentação diplomatica.

E' o mundo dos politicos, desde o ministro que carrega pasta e descarrega leis até o *onorevole* (titulo muito usado parlamentarmente na Italia, como entre nós a expressão o nobre deputado), mais silencioso do que uma acta falsa.

E' o mundo dos diplomatas, dos militares, dos funccionarios, dos procuradores dos interesses, peregrinos ou nacionaes, desde o plenipotenciario de uma grande potencia, com o peito empastado no ouro da farda até o humilde subalterno de *bersagliere*, que deseja uma transferencia de guarnição.

Na Roma antiga não ha representações officiaes. Ella que, orgulhosa, não quer ser de ninguem, hoje é de todos.

Quasi todas as nações, porém, conservam representantes junto aos outros dous mundos, Vaticano e o Quirinal. O Brasil imita-as, mantendo dous ministros em Roma, um perto do Papa, o outro perto do Rei, no curioso e velho parallelismo diplomatico que reconhece tacitamente o pontificado vencido ao pé da realeza vencedora.

Não é questão de crença orthodoxa, de rigorismo intransigente, de crê ou morre, de sê meu irmão ou te mato. A Russia estipendia dous representantes, um

junto a Pio X, outro ao lado de Victor Emmanuel III, e a Russia não vai de todo á missa do Evangelho.

O Brasil possue tambem o seu ministro junto ao Vaticano, e, entre tantos diplomatas alli acreditados, o diplomata brasileiro conseguio assumir a mais eminente posição, com um prestigio que não lhe exclue as *franches coudées* no mundo Quirinal.

Dizer do Dr. Bruno Gonçalves Chaves, Ministro da Republica brasileira junto ao Vaticano, é referir-se a uma bella somma de influencia patria em terra alheia.

Tendo estreado como Ministro na Côrte de Vienna d'Austria, tão cheia de etiqueta e hirta de protocollos, Bruno Chaves foi transferido para o Vaticano.

Se na Austria conseguio e deixou sympathias, a começar pela de Francisco José, em Roma foi aos poucos adquirindo preeminencia, hoje colossalmente solida, no mundo todo especial, para onde o despachava uma pennada ministerial da Secretaria do Exterior.

Cada centro diplomatico da Europa tem, como é naturalissimo, as suas caracteristicas, os seus cacoetes, as suas magnificencias, os seus ridiculos.

O centro diplomatico do Vaticano não é dos mais faceis de entender e de viver nelle. Não.

Nada de arreganhos, de escarcéos, de quem está com as costas quentes, de quem sabe bem dispostas as linhas de tiro e guarnecidos os agulheiros das baionetas.

A grande tactica da diplomacia vaticana é a convicção untada de astucia, de subterfugio, de intelligencia, de mimetismo, de procrastinações. E' a fraqueza como a melhor expressão da força.

Aquella diplomacia não ataca, enrola, e, ás vezes, nas roscas de uma sciencia e de uma experiencia admiraveis, aperta, constringe, paralysa, quebra, tritura, esfarella o adversario.

Quanto diplomata bôbo, eminente pelos collarinhos, teve de sahir do Vaticano, embrulhado, ou esmagado pela habilidade dos contrarios, entre as risadinhas zombeteiramente discretas dos *monsignori!*

Nesse meio diplomatico especialissimo, cuja tactica

é a cordura intelligente e cuja estrategia é a dilação paciente, cujos melhores alliados são a experiencia e o tempo, não se acredita quem apenas entregou as credenciaes.

Para definil-o basta contar um facto. Alguem, muito relacionado e dispondo de grande influencia, quiz divorciar-se, julgando que em breve lhe seria despachado o requerimento, podendo até, se lhe désse na telha, construir novo matrimonio para habitação de nova esposa.

Dirigio-se á Côrte romana. Ahi lhe receberam o pedido de divorcio, no qual o marido allegava desvio de desvelos por parte da mulher.

Examinaram a questão, rigorosamente; pesaram-se os prós e os contras, meticulosamente.

Houve duvidas e interrogações. E, de subito, a causa mergulhou no esquecimento.

«Quanto tempo levará a sahir dos limbos», interrogou um dos interessados na questão.

«Dez annos, pelo menos», responderam-lhe, e nunca pessoa observou que nesse periodo de tempo havia grande probabilidade de ver desapparecer o marido, a mulher ou o amante, solvendo-se assim o conflicto com a collaboração silenciosa, gratuita e discreta do tempo, do velho chronos, cujo hombro deve estar callejado ao peso da fouce fatidica.

Não se julgue, porém, que o Vaticano seja um fóco de subtilezas e de expedientes.

Não. Alli se discutem negocios com rapidez e jogo franco. Simplesmente nem todos os diplomatas podem tratal-os assim.

Raros haverá que possuam ou tenham possuido o prestigio, a ascendencia do nosso Ministro junto ao Vaticano, o Dr. Bruno Chaves.

Individualidade interessantissima e complexa, conseguio ser o primeiro na Roma catholica, sem parecer deixar ninguem em segundo lugar. A expressão corriqueiramente diplomatica—*persona grata*—jámais teve valor mais significativo.

O mais inaccessivel Cardeal e o mais humilde frade, a Chancellaria mais poderosa e a ordem mais obscura, não resistem a uma solicitação feita com o simples apoio de Bruno Chaves. Diante delle e dos seus desejos todas as portas se abrem, todas as recusas se abatem, todos os rostos se expandem, todas as resistencias se enfraquecem.

«Ah! é para Bruno Chaves...», eis a palavra magica, a cujo toque de influencia ninguem deixa de submetter-se.

Audiencias especiaes do Pontifice, entradas na bibliotheca vaticana, os grandes obsequios, os favores miudos, tudo se obtem ao enunciar o nome do recommendante. «Ah! é para Bruno Chaves...»

O Cardeal mais valetudinario ou mais arisco esquece a enfermidade ou a esquivança, quando se lhe manda annunciar o Ministro do Brasil.

Este não é absolutamente um espirito estreito, formalistico, um carola no sentido antipathico do termo. Nada disso, tem intelligencia aberta a todas as manifestações do pensamento moderno, no que revela de mais elevado e ousado, um bom humor gongorico da *mens sana* no jubilo do *corpore sano,* uma jovialidade communicativa, uma ironia mansa, qualidades que muito facilitam o desempenho da sua tarefa.

E' veso acreditar-se que os meios religiosos catholicos são centros de tristeza, desanimo e idéas funebres. Manifesto engano.

Na Europa o espectaculo do desfilar alegre dos collegios de padres e o desfilar merencorio das escolas leigas é um espectaculo de comparação ambulante inolvidavel.

Emquanto os mestres e alumnos dos primeiros se confundem nos mesmos jogos, em pleno campo, os mestres e os alumnos dos segundos positivamente se arrastam pela rua, parecendo ir puxando em displicente esforço a grilheta de formidolosa caceteação.

Falta-lhes a alegria, o melhor braço de amparo para atravessar a vida e para não esbarrar nos homens.

Bruno Chaves, pela sua cordialidade, pelo seu trato ameno, domina esses meios religiosos sem offender principios, melindrar consciencias, arrepiar escrupulos.

Antes de ser diplomata foi medico e medico de muito boa nota, lembrado até para occupar um cathedra na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se doutorou, em 1887, numa turma que acaba de festejar o vigesimo quinto anniversario de sua formatura, e da qual fazem parte Werneck Machado e Miguel Pereira da Motta, aquelle o syphiligrapho e este o operador bem conhecidos no Rio de Janeiro.

Arredado do exercicio da profissão primitiva, Bruno Chaves não a desamparou. Das tarefas quotidianas da diplomacia separa, desde Vienna, onde servio, instantes, para correr hospitaes, para nelles estudar, *á vol de malade*, os casos e as operações mais curiosas ou mais modernas.

A sympathia, o acatamento com que lhe ouvem a opinião professores do porte de Marchiafava, dizem-lhe eloquentemente o valor como clinico.

O gosto, a simplicidade, com que soube adornar a Legação do Brasil junto ao Vaticano, na via Boncompagni, a tornam um centro muito procurado em Roma, um salão onde se pode travar relações, não só com o escól da sociedade vaticana, como com a quirinalesca, as duas antigas nobrezas branca e preta, a do rei e a do papa, hoje muito menos hostis do que dantes.

O brilho de uma legação depende, não só do seu gestor, como de dous outros elementos importantissímos: a mulher do ministro e os secretarios.

Dous longos capitulos poderiam ser escriptos em abono da these, comportando reflexões e anecdotas engraçadas.

Com uma embaixadora ou uma ministra desagradavel, sem tacto social, aborrecida e aborrecivel, ciumenta ou retrahida, uma legação deve ser insuppor-

tabilissima a quantos nella demoram e, sobretudo, a quantos nella moram.

O pobre ministro, em situação pouco astronomica, mas real, deve ver estrellas ao meio dia.

Uma embaixadora ou uma ministra amavel, experiente na gentileza e destra no absequio, expansiva e sem zelos, allivia os encargos do chefe da legação.

Com um sorriso, com uma palavra dita a tempo, uma deferencia collocada a proposito, aplaina ou modifica difficuldades que o marido não póde superar.

Por outro lado, os secretarios de legação, quando argutos e traquejados, são os collaboradores preciosos e indispensaveis da obra diplomatica.

Coadjuvam o chefe, no gabinete e no salão, declarando com geito o que muitas vezes o superior não deve, não póde ou não quer declarar, prestando-lhe uma infinidade de pequenos serviços que conduzem imperceptivelmente a grandes sommas de influencia e de atilamento.

Bruno Chaves tem, na esposa, uma distinctissima Rio-Grandense do Sul, mãi extremosa, sobre collaboradora discreta e perspicaz, uma auxiliar de primeira ordem, como o tem nas pessoas do seu secretario e da senhora deste.

Deram-lhe por secretario Carlos Magalhães de Azeredo, cuja cotação litteraria em Roma é de tanto renome quanto no Rio de Janeiro.

A influencia de que gozou junto de Leão XIII attesta-lhe a valia.

Satisfeito com o prestigio do seu chefe, estimando-o, já como funccionario, já como homem, Mugalhães de Azeredo dedica-lhe a mais entranhada coadjuvação, pondo ao seu dispor recursos de talento e de perspicacia. Evidenciou-os, por exemplo, no momento da nomeação do primeiro Cardeal da America do Sul. Nesse momento, o trabalho, a tenacidade de Bruno Chaves, postos em prova pelo Barão do fundo do gabinete do Itamaraty, foram, na verdade, exhaustivos, de que, para

o futuro historiador ficou prova nos archivos da Legação.

Só Bruno Chaves poderia ter conseguido o que se lhe pedia do Brasil. Intimo de Pio X, usufruindo-lhe a mais rasgada sympathia, obteve o que outros teriam levado annos a obter ou afinal teriam obtido... para outros, o que é muito commum na vida e mórmente na diplomacia.

Se Bruno Chaves póde orgulhar-se de ser Brasileiro, a reciproca é tambem verdadeira, o Brasil orgulha-se de representantes exteriores de tal estofa que se acreditam individualmente, mais do que são officialmente acreditados.

Escragnolle Doria.